

Entrevista com Antonio Torres

Interview with Antonio Torres

Vanusia Amorim Pereira dos Santos

Universidade Federal de Alagoas

Susana Souto Silva

Universidade Federal de Alagoas

Vanússia Amorim Pereira dos Santos

Doutora em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da UFAL e docente do Instituto Federal de Alagoas/IFAL

Susana Souto Silva

Professora Associada da FALE/UFAL e professora efetiva do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura. Doutora em Estudos Literários pela UFAL e mestre em Estudos Literários pela USP.

Recebido em:
09/04/2024

Aceito em:
06/07/2024

AGOSTO/2024
ISSN 2317-9945 (On-line)
ISSN 0103-6858
p. 188 - 197

RESUMO

Nordestino do Junco, cidadezinha do interior da Bahia, hoje Sátiro Dias, Antônio Torres estreou na literatura em 1972 com o romance *Um cão uivando para lua*. Naquele ano, foi considerado autor revelação e, de lá para cá, lançou doze romances, alguns contos e crônicas, sendo traduzidos para vários países. O reconhecimento da importante contribuição de suas obras para a literatura nacional pode ser medida pela reedição dos seus romances; pelos vários prêmios nacionais e internacionais; pelo título de imortal da Academia Brasileira de Letras, onde ocupa a cadeira 23, que já foi de Machado de Assis; pelo sucesso junto ao público, comprovado pela agenda movimentada com participações em eventos no país, na Europa e América Latina. Com escrita singular, linguagem, estilo, aproveitamento estético da realidade e talento para transfigurar fato em ficção, Torres conseguiu universalizar o drama da migração nordestina e, desde o início da carreira, é traduzido para vários países. Esta entrevista é resultado de conversas mantidas com o autor em março de 2024, quando abordamos os bastidores das traduções de suas obras e a relação dele com as editoras e os tradutores. Rica em detalhes, as respostas francas confirmam o talento natural de contador de histórias do *Chevalier des Arts et des Lettres*.

PALAVRAS-CHAVE

Antônio Torres; Literatura Brasileira; Tradução

RÉSUMÉ

Au nord-est de Junco, ville de l'intérieur de Bahia, feuille Sátiro Dias, Antônio Torres a débuté dans la littérature en 1972 comme une romance *Um cão uivando para lua*. Cette année-là, il était considéré comme un auteur révélé-

lacion et, d'ici à aujourd'hui, il a publié douze romans, quelques histoires et chroniques, traduits dans différents pays. La reconnaissance de l'apport important de ses œuvres à la littérature nationale se mesure à la réédition de ses deux romans ; plusieurs prix nationaux et internationaux; Le titre immortel de l'Académie brésilienne des lettres, où il occupe la rue 23, qui appartenait autrefois à Machado de Assis ; son succès auprès du public, confirmé par l'agenda animé par la participation à des événements dans le pays, en Europe et en Amérique Latine. Avec une écriture, un langage, un style singuliers, une utilisation esthétique de la réalité et un talent pour transfigurer les faits en fiction, Torres a réussi à universaliser le drame de la migration du nord-est et, depuis le début de sa carrière, il a été traduit dans plusieurs pays. Cet entretien est le résultat d'entretiens avec l'auteur en mars 2024, au cours desquels nous abordons les coulisses des traductions de ses œuvres et la relation entre lui et les éditeurs et traducteurs. Riche en détails, car les réponses franches confirment le talent naturel du conteur du Chevalier des Arts et des Lettres.

MOTS-CLÉS

Antônio Torres; Littérature brésilienne; Traduction

Torres, nesta entrevista abordaremos as traduções de suas obras. Quais livros foram traduzidos e para quais idiomas?

AT: - O mais traduzido é o *Essa Terra* (França, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos, Cuba, Itália, Holanda, Bulgária, Croácia, Romênia, Turquia, Israel, Paquistão, Vietnã). Em espanhol também temos *Um cão uivando para a Lua* (Argentina), *Meu querido canibal* (Espanha), *O cachorro e o lobo* (Chile e Cuba). Em francês: *Um táxi para Viena d'Áustria*, *O cachorro e o lobo*, *Meu Querido Canibal*, *O nobre sequestrador*. Em búlgaro: *O cachorro e o lobo* e *Pelo fundo da agulha*. Em inglês: *Balada da infância perdida*. Esse, aliás, com um título que desceu redondamente em meus ouvidos: *Blues for a lost childhood*. Além disso, os contos *Segundo Nego de Roseno*, *Por um pé de feijão*, e *O dia de São Nunca*, do livro *Meninos, eu conto*, têm circulado em países como Uruguai, Argentina, México, Estados Unidos, Canadá, França, Alemanha, Bulgária. Outro conto, *Atrás da cerca*, foi publicado em Havana na revista da Casa de las Américas. E não nos esqueçamos de Portugal, que hoje contabiliza o maior número de edições de meus livros (sete!), sendo as mais recentes as de *Querida Cidade* e *Os homens dos pés redondos*. E mais o já citado conto *Atrás da cerca* numa antologia lusófona, feita para o dia mundial do autor, em 2016. Porreiro, pá! Ou, como diriam os franceses, pas mal!

Indiscutivelmente o senhor é um grande contador de histórias, conte-nos sobre a primeira tradução. Como aconteceu?

AT: - Coube ao meu primeiro romance, *Um cão uivando para a Lua*, ser a primeira tradução, o que aconteceu em 1979, e logo ali, em Buenos Aires, e por uma grande editora, a Sudamericana. Aqui como lá, foi *uma feliz estreia*, para recorrer à entusiástica expressão de Aguinaldo Silva na primeira resenha sobre esse *cão uivante*, publicada em São Paulo num semanário chamado *Opinião*, que veio a puxar a crítica nacional. Ao ultrapassar a nossa fronteira ao Sul, o *Cão* não entraria despercebido em *nuestra América*. Chegou a ser chamado por um crítico literário do jornal *La República*, do Panamá, de um *libro alucinante* que de súbito se transforma num *espejo donde encontramos el reflexo de nuestro próprio rostro*.

Torres, como é a sua relação com os tradutores e com as editoras estrangeiras?

AT: - Houve um momento, na virada da década de 1970, que agentes literários, tradutores e *brasilianistas* passaram a baixar por aqui à procura de novidades que pudessem se atrelar ao *boom* latino-americano. De repente, recebi a visita de uma porta-bandeira daquele *boom*, a espanhola Carmen Balcells, com a ideia de começar a me publicar na Europa pela França, e ficou muito decepcionada quando lhe disse que já havia assinado contrato com a francesa Marie-Ange Masson-Mosca. Depois, veio o norte-americano Tomas Colchie, o bem-sucedido agente de Ignácio de Loyola Brandão, João Ubaldo Ribeiro e, entre outros, do *Galvez, o imperador do Acre*, de Márcio Souza - que a partir dos *States* passou a correr mundo -, e a alemã Ray-Güde Mertin. Logo, as minhas relações com os editores estrangeiros foram feitas por intermédio desses agentes (a primeira, na Argentina, teve a intermediação do adido cultural do Brasil em Buenos Aires, Antonio Carlos Austregésilo de Athayde). Na Europa, quem saiu na frente foi a Marie-Ange, que em 1980, aproveitando uma passagem minha por Paris, fez um coquetel em seu belo apartamento no Boulevard Saint-Germain para me apresentar a toda a gente do meio editorial que coube em sua sala de visitas. Foi quando conheci Alice Raillard, a tradutora de Jorge Amado, e Mário Carelli, tradutor de Rachel de Queiroz, e ficamos amigos para sempre. Na véspera de vir embora, Alice me ofereceu um jantar, para o qual convidou Ugné Carvellis, da poderosa editora Gallimard, ex-senhora Júlio Cortázar, que depois do terceiro uísque tirou da bolsa três pareceres sobre o *Essa Terra*, dizendo que eles eram secretos, e não garantiam a publicação do livro, mas... “Achei que ia gostar de voltar para o seu país sabendo o que aqui se diz de você”. Ao terminar a leitura daqueles pareceres, respondi-lhe: “Ganhei a viagem!” À parte encontros assim, a minha relação com os editores estrangeiros de modo geral foi feita pelos agentes literários

já citados, e mais outro francês, o Stéphane Chao. Quanto aos tradutores, aguarde os próximos capítulos...

AT, o português brasileiro é riquíssimo, a linguagem nos seus livros reflete a diversidade da nossa língua. Nesse sentido, alguma obra deu mais “trabalho” para os tradutores? Eles costumam fazer muito contato para tirar dúvidas sobre palavras, expressões etc.?

AT: - O primeiro deles, o argentino Roberto Romero Escalada, passou um bom tempo no Rio para tirar dúvidas. Como o português de *Um cão uivando para a Lua* é muito coloquial, ele aproveitou para bater perna pela cidade a ouvir a língua das ruas. O francês Jacques Thiériot, que no embalo da fama pela tradução do *Macunaíma* traduziu o *Essa Terra*, me escreveu uma vez a me perguntar sobre uma palavra, a única cujo sentido ele desconhecia: serra-goela; a alemã Ray-Güde Mertin veio me procurar de caderno à mão, cheio de anotações; a israelita Miriam Tivon teve apenas um encontro comigo por ocasião do Salão do Livro de Paris de 1987; a norte-americana Margareth Abigail Neves, que morava em Salvador, Bahia, me telefonou uma vez para saber o significado de *sua alma, sua palma, sua capela de pindoba*; o inglês John Parker me escrevia seguidamente, rigorosíssimo com a busca dos sentidos ocultos por trás de cada palavra, o que me levou a recorrer à ajuda da profa. Sonia Torres, que é doutora em Letras de língua inglesa, e pronto, foi uma mão na roda; na Holanda, fui traduzido por um escritor famoso lá, August Willemsen, que não me perguntou nada, mas me acompanhou numa *tournee* de palestras que fiz por Amsterdã, Roterdã e Antuérpia (Bélgica). Além desses e dos franceses Henri Raillard, Cécile Tricoire, Dominique Stoenesco (um amigão), e da mais recente tradutora, a chilena Mónica González García, professora da Universidade Católica de Valparaíso, não cheguei a conhecer os demais, nem de vista ou por carta, e-mail, telefone...

Alguma vez propuseram mudanças em alguma das obras traduzidas?

AT: - Nunca propuseram isso numa tradução, mas em Portugal, uma vez. Foi o simpático editor de *O nobre sequestrador*, o meu segundo romance publicado lá (o primeiro foi *Meu querido canibal*). Concordei, dizendo-lhe: - Se isso facilita o entendimento do meu texto pelo leitor português, fique à vontade para as mexidas que achar necessárias. Quando recebi o livro, achei-o irreconhecível. Aí me arrependi de haver concordado com as mudanças.

Qual tradução foi mais surpreendente? Considerando o conjunto da obra: capa, editora, prefácio, posfácio, a

tradução em si...

AT: - O *Essa Terra* começou na Europa pela França, com Jacques Thiériot, que por sua vez começou com Macunaíma. E esses dois livros brasileiros lhe deram o *Gran Prix Cultura Latina de Traduction*. “Metade desse prêmio é seu”, ele me escreveu. A capa francesa foi de José David, um artista plástico português radicado em Paris. Tudo muito bem embalado pelas Editions A. M. Métailié, em sua coleção *Bibliothèque Brésilienne*, iniciada com *Dom Casmurro*, de Machado de Assis e *Primeiras Estórias*, de João Guimarães Rosa. Como se isso fosse pouco, a editora conseguiu que o governo francês bancasse a minha ida para o lançamento do *Essa Terra* na Cidade Luz, a começar por uma apresentação dele no Grand Palais, em mesa intitulada *Cinema, Literatura e Linguagem*, com Joaquim Pedro de Andrade, o diretor de *Macunaíma*, e Jacques Thiériot na mediação. E mais e mais: palestra na Sorbonne, por exemplo. Houve outros casos surpreendentes, mas esse já está de bom tamanho, não?

Qual a opinião que o senhor tem dos tradutores como leitores de sua obra. É uma recepção/percepção diferente de um leitor brasileiro, é possível detectar isso ou não acontece dessa forma?

AT: - A minha impressão é a de que tenho sido traduzido por quem gosta do que escrevo e quer levar isso a outras pessoas. É possível que todos os meus pares possam dizer a mesma coisa. Quanto à recepção/percepção dos tradutores, recordo o que me disse recentemente a crítica literária baiana Gerana Damulakis: que a maneira como os meus livros vêm sendo analisados pela crítica estrangeira é bem diferente da nossa. O que pode valer também para os tradutores.

Torres, Clarice Lispector, entrevistando Jorge Amado¹, perguntou se ele costumava ler as traduções que faziam dele. O senhor já leu essa entrevista? Bem, Clarice disse que jamais lia para se poupar de aborrecimentos. Jorge, por sua vez, respondeu que preferia as traduções em língua que não podia ler, pois nas outras descobria erros e se chateava. AT, nesse aspecto, o senhor é mais Clarice ou mais Jorge?

AT: - Não li essa entrevista da Clarice. Nem nunca tive as preocupações que ela e Jorge Amado tiveram. A sua pergunta, porém, me faz lembrar de outras histórias. Como a das vezes em que Henri Raillard batia à minha porta cheio de preocupações

em relação à sua tradução de *Um táxi para Viena d'Áustria*. Como éramos muito amigos, chegou uma hora em que eu lhe disse, com toda a franqueza: “Henri, estou mais preocupado com a língua de chegada do que com a de saída”. Ele entendeu o que eu quis dizer. E não mais voltaria a me trazer dúvidas. Fomos nos reencontrar quando o *Táxi* começou a rodar pelas livrarias francesas, e fui seu hóspede durante uma semana, sendo levado, logo ao chegar, à Gallimard, onde fomos recebidos pelo escritor cubano Severo Sarduy, o responsável naquela editora pelas publicações de autores latino-americanos, e que não poupou elogios à tradução do Henri, chegando a dizer que *Un taxi pour Vienne d'Autriche* não parecia uma tradução, mas um romance escrito originalmente em francês, *uh, là, là!!!*

No início de 2024 o senhor esteve na Europa para lançar mais uma edição de *Os homens dos pés redondos*, seu segundo livro, publicado no Brasil em 1973. Fale um pouco dessa nova edição portuguesa e da recepção europeia.

AT: - Embora tenha vivido em Portugal dos 24 aos 27 anos, e lá convivido, do primeiro dia à véspera de vir embora, com um de seus maiores poetas - Alexandre O'Neill -, e com outros grandes nomes da literatura, do cinema e do teatro, o que foi fundamental para a minha formação literária, só ao andar deste século 21 passei a ser publicado lá. No começo, um tanto timidamente. Até que, aí pelo ano de 2015, vim a receber um e-mail de um editor chamado Carlos da Veiga Ferreira, da Teodolito, no qual ele dizia que a escritora Teolinda Gersão – e que escritora! – o fizera ler a “Trilogia Brasil” – *Essa Terra, O cachorro e o lobo, Pelo da agulha* -, e que havia tempo que ele *não se emocionava tanto com um texto*. Conclusão: iria publicá-la. E assim fez. Um livro por ano, a partir de 2016, cada qual me levando a um festival português, a começar pelo maior deles, o Correntes d'Escritas, de Póvoa de Varzim, a cidade de Eça de Queirós. Em 2023, ele publicou o meu romance mais recente, *Querida Cidade*, o que significou três voltas a Portugal em um ano. Numa delas, dei-lhe um ensaio da professora Vania Pinheiro Chaves que acabava de sair numa revista da Universidade de Lisboa. Era sobre *Os homens dos pés redondos*. “Vou publicá-lo”, disse Carlos da Veiga Ferreira, assim que chegou ao ponto final do texto da Profa. Vania Chaves, já decidido a convertê-lo em posfácio do livro. E cumpriu o prometido, para a minha maior emoção, pois *Os homens dos pés redondos* foi um título que me bateu à testa no meu primeiro dia em Lisboa (4 de julho de 1965), enquanto engraxava os sapatos à porta do Café de Londres, na praça de mesmo nome. Mas sim: o meu atual editor português me fez outra bela edição, que me levou às Correntes d'Escritas pela 3ª vez. E, como sempre, com uma simpática recepção. No final da

jornada, o jornalista e dinâmico promotor cultural João Morales me acenou com o convite para voltar a Portugal em novembro deste 2024. Motivo: as comemorações do centenário do poeta Alexandre O’Neill! Simplesmente o meu tutor literário em lusas plagas. Um lenço, por favor. Depressa!

Já fizeram esta pergunta para o Milton Hatoum², e vou repeti-la para o senhor: uma tradução pode transcender a obra original ou, ao contrário, perde algo dela?

AT: - Agora você me faz lembrar de uma mesa de um restaurante em Copacabana, na qual se encontravam a tradutora e agente literária Ray-Güde Mertin e dois de seus agenciados: Antonio Callado e este que lhe fala. O assunto principal daquele encontro foi a edição francesa do romance *Sempre viva*, do outro Antonio, que lhe seria entregue *em mãos*, e logo transformaria a sua alegria em recebê-la num misto de espanto e decepção. Foi no minuto seguinte, quando a Ray lhe passou uma crítica em que se lia que o tradutor havia *melhorado* o texto do autor. Fazendo jus à sua fama de *lorde*, Callado não iria dizer nada a respeito do que acabava de ler. Mas o não dito estava expresso em seu rosto. Fica essa lembrança como exemplo de que não é incomum achar-se que uma tradução pode transcender a obra original, embora o mais frequente é dizer-se que pode piorá-la. Como já disse um conceituado tradutor inglês, John Gledson, há casos de traduções questionáveis ou inadequadas. Mas, segundo ele, a qualidade está melhorando.

Nos últimos vinte anos houve incentivos para traduções de obras de autores brasileiros, a Fundação Biblioteca Nacional, por exemplo, tinha aporte para isso. Como o senhor percebe a literatura brasileira no exterior? Ocupa mais espaço que há duas décadas?

AT: - “Nenhuma geração de escritores brasileiros foi tão traduzida quanto a nossa” – me dizia Ivan Ângelo, lá pelos finais dos anos de 1980. (E olha ele aí de novo, com um baita romance, *Vida ao vivo!*). Entre os nomes que vieram a manter a peteca no ar, figuram o já citado Milton Hatoum, e Bernardo Carvalho, Patrícia Melo, Daniel Galera, Edney Silvestre, Luiz Ruffato. Hoje, quem puxa um novo bloco é o baiano Itamar Vieira Júnior, com o seu grande sucesso *Torto arado*, seguido pelo carioca radicado em Porto Alegre Jeferson Tenório (*O avesso da pele*). Enfim, *la nave va*.

Na sua página virtual www.antoniotorres.com.br, há referências a trabalhos acadêmicos na França, Itália e Portugal sobre sua obra, além de artigos publicados em periódicos europeus. Esses dados comprovam que os seus livros não são apenas lidos, são também analisados por leitores/críticos estrangeiros. Como o senhor teve o primeiro contato com esses trabalhos acadêmicos e o que pensa sobre eles?

AT: - O primeiro artigo estrangeiro que recebi foi publicado na revista *World Literature Today*, da Universidade de Oklahoma, edição da primavera de 1978. Era sobre *Um cão uivando para a Lua*. Autora: Vera Regina Teixeira, do departamento de Espanhol e Português da Northwestern University (Illinois). Não me lembro quem fez a gentileza do envio. Recordo-me, porém, que em 1984 um italiano chamado Roberto Spaziani me escreveu contando que havia defendido, na *Università degli Studi di Roma*, uma *Tesi di Laurea* sobre os meus livros publicados até então (de *Um cão uivando para a Lua* a *Adeus, Velho*). Surpresas assim passaram a chegar de outros países, notadamente da França, em boa parte tendo ao centro Rita Olivieri-Godet, que foi da Universidade de Paris 8 para a de Rennes, onde veio a se tornar diretora do departamento de Português. Na Alemanha, ainda repartida em duas – Ocidental e Oriental –, depois de um circuito por várias universidades daquele país, fui levado, na companhia de Silviano Santiago, a passar a fronteira de Berlim. Do outro lado dela nos esperava um professor que iria me surpreender com a notícia de que era o orientador de uma tese sobre o *Essa Terra* na Universidade Humboldt. Outro contato inesperado aconteceu recentemente durante uma palestra minha numa biblioteca de Almada, Portugal, quando um professor búlgaro me contou que havia participado, na Universidade Nova de Lisboa, de uma banca examinadora de uma tese cujo autor fazia uma leitura comparada dos romances *Memória de elefante*, do português António Lobo Antunes, e *O cachorro e o lobo*, do brasileiro aqui. Comparação foi o que fez também a hoje professora da Sorbonne Brigitte Thiérion, na sua dissertação de mestrado sobre o que há de história e ficção em *Meu querido canibal* e *Rouge Brésil*, de Jean-Christophe Rufin, hoje membro da Academia Francesa e sócio correspondente da ABL.

Torres, quero finalizar essa conversa falando de uma pessoa: Anne-Marie Métaillié. Na sua biografia, no que diz respeito à internacionalização da sua obra, qual é o papel da editora francesa Anne-Marie Métaillié? Se fosse uma personagem, como seria ela?

AT: - Que fecho de ouro! Porque foi a Anne-Marie Métaillé quem me abriu uma janela para o mundo, a partir da publicação do *Essa Terra* por sua editora, em 1984, com uma nova edição em livro de bolso em 2002. Quer uma prova disto? A chegada do *Essa Terra* ao Vietnã, em 2013, sendo traduzido naquelas lonjuras do... francês!

E acrescento: ninguém fez ou faz mais pela literatura brasileira em país algum do que ela, que sempre lembra que tudo começou assim: “Foi com Machado de Assis, até então um autor muito mal traduzido. Uma única edição de livro dele aqui na França datava de 30 anos”. Hoje, no diversificado catálogo da sua *Biblioteca Brasileira*, brilham clássicos e contemporâneos, de Machado a Adriana Lisboa, de Guimarães Rosa a Bernardo Carvalho, de Lúcio Cardoso (*Crônica da casa assassinada*) a Cristóvão Tezza, de Euclides da Cunha a Fernando Gabeira, de Ariano Suassuna a Silviano Santiago, de Carlos Drummond de Andrade a Joca Reiners Terron, de Carolina Maria de Jesus a Luiz Ruffato etc. etc. Quando o Brasil foi homenageado no Salão do Livro de Paris, em 1998, ela recebeu do governo francês a condecoração de *Chevalier des Arts et des Lettres*, precisamente pelo conjunto de sua obra a favor da nossa literatura. *Allez, Don’Anne!*